

Caminhos e descaminhos investigativos na área da alfabetização

Iole Maria Faviero Trindade

Como citar: TRINDADE, I. M. F. Caminhos e descaminhos investigativos na área da alfabetização. In: MORTATTI, M. R. L. (org.). **Alfabetização no Brasil:** uma história de sua história. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 221-242. DOI: <https://doi.org/10.36311/2011.978-85-7983-178-2.p221-242>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

CAMINHOS E DESCAMINHOS INVESTIGATIVOS NA ÁREA DA ALFABETIZAÇÃO

Iole Maria Faviero Trindade

INTRODUÇÃO

A constituição de um grupo de pesquisa na área de alfabetização, identificado no Sistema de Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) por “Alfa NECCSO”, a partir de 2009, com o desenvolvimento de um projeto integrado de pesquisa por parte de umas das pesquisadoras do Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade (NECCSO), surge com a constituição de tal núcleo, desde 1996, junto à linha de pesquisa Estudos Culturais em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU), da Faculdade de Educação (FACED), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

A opção, portanto, por esse campo de pesquisa — o dos Estudos Culturais —, que orienta os estudos que realizamos no NECCSO, implica a discussão do modo como se olha para os discursos sobre alfabetização e alfabetismo/letramento, localizando-os como artefatos culturais. Essa me parece ser a maior dificuldade que enfrentamos em tais linha, núcleo e grupo de pesquisa. Como fazer uso desse campo de conhecimento para lançar um olhar de estranhamento sobre o que produzimos na área de alfabetização?

Alguns conceitos auxiliaram-me e continuam auxiliando-me na construção de tal olhar de estranhamento sobre tudo o que produzimos, como os de culturas, identidades, representações, linguagens, discursos, textos, invenções, pedagogizações... Tais conceitos são próprios de determinadas abordagens de alguns campos de conhecimento, que associo aos dos Estudos Culturais, tendo alguns deles produção independente dentro da própria linha, núcleo e grupos de pesquisa.

Campos afins, como o do Pós-estruturalismo e o do Pós-modernismo auxiliaram e continuam auxiliando-me a interpretar os discursos desse modo. O Pós-estruturalismo, em sua vertente foucaultiana, devido à centralidade dada à linguagem, auxilia-me na análise de discursos e textos como produtos culturais. Os estudos pós-

modernos associam-se a esses campos citados antes, ao colocarem em dúvida a noção de progresso, servindo-me para colocar em discussão os discursos sobre alfabetização e alfabetismo/letramento, que orientam a produção do conhecimento nessa área.

Os estudos históricos também têm permitido aproximações úteis. Conforme Albuquerque Júnior (2007), a chamada “Nova História” irá contribuir para que objetos e sujeitos sejam desnaturalizados, deixem de ser metafísicos e passem a ser pensados como fabricação histórica, como resultados de práticas discursivas que os instituem, recortam, nomeiam, classificam, dão a ver e a dizer.

Considerando a possibilidade dessas, assim como de outras tantas alquimias, reconheço os Estudos Culturais como ‘um movimento ou uma rede’, ao considerar que possuem abertura e versatilidade teórica, um espírito reflexivo e, especialmente, voltado à ‘crítica’.

Utilizo ‘crítica’, aqui, no seu sentido mais amplo: não a crítica no sentido negativo, mas a crítica como conjunto de procedimentos pelos quais outras tradições são abordadas tanto pelo que elas podem contribuir quanto pelo que elas podem inibir. A crítica apropria-se dos elementos mais úteis, rejeitando o resto. Deste ponto de vista, os Estudos Culturais são um processo, uma espécie de alquimia para produzir conhecimento útil: qualquer tentativa de codificá-los pode paralisar suas reações. (JOHNSON, 1999, p. 10).

Recoloco a “crítica” de uma outra forma, por meio de questões que posso lançar ao examinar as teorias que utilizamos nas produções que fazemos na área da alfabetização:

Que tal se as teorias existentes – e os modos com elas associados – realmente expressassem diferentes lados do mesmo e complexo processo? Que tal se elas todas fossem verdadeiras, mas apenas até certo ponto, verdadeiras para aquelas partes do processo que elas têm mais claramente em vista? Que tal se elas fossem todas falsas ou incompletas, sujeitas a enganar na medida na medida em que são apenas parciais e não podem, portanto, apreender o processo como um todo? Que tal se esforços para ampliar esta competência (sem modificar a teoria) levassem a conclusões (ideológicas) realmente grosseiras e perigosas? (JOHNSON, 1999, p. 31).

A TRAJETÓRIA DAS TEMÁTICAS DAS PESQUISAS INSTITUCIONAIS E ACADÊMICAS DO NECCSO NA ÁREA DA ALFABETIZAÇÃO ANTES DA CONSTITUIÇÃO DO ALFA NECCSO: DE 1996 A 2001

Resgatando o período de constituição da nossa linha e do núcleo de pesquisa, nos seus seis anos iniciais — de 1996 a 2001 —, apresento a primeira pesquisa institucional e as quatro primeiras pesquisas acadêmicas¹, tendo por foco os

¹ “Para efeitos de delimitação, das distinções existentes entre as pesquisas que provêm da produção discente e da produção docente, no nível universitário, identifico, por um lado, as dissertações e teses como pesquisas acadêmicas, identificando, por outro lado, como pesquisas institucionais as que são desenvolvidas por professores universitários, de caráter individual ou integrado, ou, ainda, as que têm um caráter institucional mais geral, pertencendo a uma unidade universitária, pró-reitoria, podendo, todas elas, ter, ainda, caráter

estudos sobre alfabetização e alfabetismo/letramento², constituídas pelas três primeiras dissertações de mestrado e pela única tese de doutorado já defendida no nosso núcleo e linha de pesquisa, na área da alfabetização. Apresento, ainda, a organização de um acervo de cartilhas que acompanha a produção da referida tese de doutorado, assim como cursos, seminários e leituras que foram organizando os caminhos, ou, por vezes, os descaminhos investigativos das nossas pesquisas.

Como resultado de pesquisa institucional do núcleo na área da alfabetização, desde a sua criação, temos um artigo que focou os sentidos produzidos sobre alfabetização na revista *Nova Escola*. Conforme sua autora (MARZOLA, 2000), o discurso dessa revista constitui identidades profissionais com as quais suas leitoras procuram se identificar e, com isso, ver reconhecidas suas posições enquanto alfabetizadoras. Ainda, segundo ela, determinadas subjetividades alfabetizadoras são construídas pela revista através do jogo discursivo “alfabetização construtivista *versus* alfabetização tradicional”, embora ressalte que, apesar dos diferentes significados atribuídos à alfabetização, em momentos distintos na revista, tais significados, além de não se excluírem, partem de um mesmo pressuposto: o domínio do código escrito implicaria benefícios individuais e sociais — o mito da alfabetização —, crença que Graff (1990) demonstrou por meio de seus estudos históricos.

Tal mito, como veremos em seguida, foi discutido de forma mais enfática nas duas primeiras dissertações de mestrado, assim como em artigos³ produzidos na área da alfabetização, desenvolvidos no nosso núcleo de pesquisa, que examinam, além desse mito, um outro — o do sujeito moderno—, e discutido mais enfaticamente na terceira dissertação de mestrado produzida nesse primeiro período.

Conforme o próprio Graff (1990), os supostos efeitos e consequências da *literacy* constituem o que vem a chamar de “o mito da *literacy*”. Em seu entendimento, a *literacy* é profundamente mal entendida, a partir de discussões superficiais, ao se ignorar a importância do contexto sócio-histórico. Propõe, portanto, três tarefas para o estudo da *literacy*, quais sejam: uma primeira tarefa consistiria numa definição consistente da *literacy*, que sirva comparativamente ao longo do tempo e através do espaço; uma segunda tarefa envolvida na definição da *literacy* consistiria em vê-la como uma tecnologia ou um conjunto de técnicas para a comunicação e a decodificação e a reprodução de materiais escritos ou impressos; uma terceira tarefa exigiria o foco das pesquisas em contextos materiais e culturais precisos, historicamente específicos, a *literacy* em uso. Pondera o autor que as duas primeiras tarefas são preparação para a terceira, foco do esforço do principal no estudo da *literacy*:

interinstitucional. Todas as pesquisas – dissertações, teses, de um lado, e pesquisas institucionais, de outro – entretanto, são pesquisas acadêmicas.” (TRINDADE, 2008b).

² A maioria dos trabalhos apresentados neste tópico utiliza preferencialmente o termo “alfabetismo”, em vez de “letramento”. Farei uso de um ou de outro termo, conforme uso que for feito nos trabalhos examinados, assim como do próprio termo em inglês, quando estiver examinando textos traduzidos, que ora interpretam “*literacy*” como “alfabetização”, ora como “alfabetismo”, ora como “letramento”.

³ Ver, especialmente: Trindade (1998) e Marzola (2001).

O principal problema em esforços para estudar a *literacy*, seja no passado, seja no presente, é o da reconstrução dos contextos de leitura e escrita; como, quando, onde, por que e para quem a *literacy* foi transmitida; os significados que lhe foram atribuídos; os usos que dela foram feitos; as demandas colocadas sobre as habilidades alfabéticas; os graus nos quais essas demandas foram satisfeitas; a extensão cambiante da restrição social na distribuição e difusão da *literacy*; e as diferenças reais e simbólicas que emanaram da condição social da *literacy* entre a população. (GRAFF, 1990, p. 40).

Além do artigo de Graff (1990), serviram de referência para essas primeiras pesquisas do NECCSO, na área da alfabetização, os demais artigos sobre *literacy* que compuseram o número temático do periódico *Teoria & Educação*, que traz, na capa, como um dos temas, “o mito da alfabetização”⁴.

A tradução de um livro organizado por Cook-Gumperz (1991, p. 36), especialmente o artigo de sua autoria intitulado “*Literacy* e escolarização: uma equação imutável?”, mostra, através de evidências históricas, que “[...] a *literacy* precedeu o desenvolvimento industrial, em vez do contrário”. Pontuando, ainda, que estudos detalhados dos temas rotineiros e das atividades políticas do dia a dia mostraram que existia uma cultura Letrada ativa, durante o século dezoito, na Europa, bem antes do advento da escolarização em massa, deixando como questão: “Além disto, por que geralmente presumimos que a *literacy* é a finalidade da escolarização, quando tantas evidências históricas provam o contrário?” (COOK-GUMPERZ, 1991, p.36).

A dissertação de mestrado *Reflexões sobre o sucesso da alfabetização: a escola e o contexto cultural de Poços das Antas – RS* (TRAVERSINI, 1998) examina a liderança desse município gaúcho no *ranking* dos municípios brasileiros com elevados índices de alfabetização, divulgada por uma série de matérias jornalísticas publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo*, entre março e abril de 1996. Utilizando vários estudos sobre alfabetismo para problematizar a relação entre sua aquisição e melhorias individuais e sociais, essa dissertação buscou mostrar então como essa suposição é produzida e corporificada por meio das campanhas de alfabetização e do *ranking* dos municípios mais alfabetizados do

⁴ Em nota desse artigo, o tradutor esclarece que, para a tradução da palavra “*literacy*” nesse e noutros artigos desse número do periódico, deve ser lida a nota 36, ao final do artigo. Tal nota costuma ser extremamente citada por aqueles que fazem uso preferencialmente desse termo nas suas produções. Reproduzo aqui tal nota na íntegra: “36. A palavra *literacy* tem sido traduzida por *alfabetização*. Neste e noutros artigos traduzidos do inglês constantes nesse número de *Teoria & Educação* optou-se por traduzi-la por *alfabetismo*, uma vez que a *alfabetização* designa a ação de alfabetizar e não a qualidade ou estado de ser alfabetizado, expresso pela palavra inglesa. Em geral pensa-se não existir uma palavra em português que traduza *literacy*, havendo até quem proponha a invenção de um neologismo como *letramento* ou *letração*. Entretanto uma consulta aos dicionários mostrará que as definições de *literacy* e *alfabetismo* são praticamente coincidentes (compare-se, por exemplo, a definição do *American Heritage Dictionary* e a do *Aurélio*). É curioso que em português seja amplamente corrente a palavra *analfabetismo*, mas não a que designa o estado contrário, *alfabetismo*. Deve haver alguma ligação entre a semântica e a realidade social. Em alguns poucos casos, traduzi *literacy* por *alfabetização*, particularmente no caso de expressões consagradas como ‘campanhas de alfabetização’. Este é também o caso do título da capa, neste caso, por razões editoriais (N. do T.)”

país. Esse trabalho relativizou tais efeitos, por meio da análise das condições históricas, marcada pela imigração alemã, que possibilitaram que um município gaúcho obtivesse maior índice no *ranking*, observando que elas não se vincularam estritamente à política educacional, mas dependeram de processos culturais de uma dada comunidade.

Outra dissertação de mestrado, intitulada *A identidade narrada do município mais alfabetizado do país*: um estudo sobre leitura e identidade cultural (MEDEIROS, 2000), estudou as relações possíveis entre leitura, enquanto prática social da comunidade, e identidade cultural do município de Poços das Antas/RS. Entendendo que o texto produz as coisas de que fala na trama com outros textos, e que uma comunidade, ao narrar-se, dá sentido a uma identidade local, a autora argumenta que tal narrativa constitui uma “identidade imaginada”, que produz um efeito de verdade a respeito da identidade cultural desse município gaúcho. Dessa forma, essa comunidade, bem como a identidade cultural de seus habitantes, torna-se impensável sem o alfabetismo. Ou, dito de outra forma: ser de Poço das Antas significaria, desde que tal comunidade foi criada, ser alfabetizado.

Privilegiando a desnaturalização de um outro mito nos estudos da área da alfabetização — a do ‘sujeito autônomo, consciente, único’ —, a dissertação de mestrado Subjetividade e texto: um estudo introdutório na educação de adultos/as (NOBLEGA, 2001) problematizou os textos de adultos/as no processo escolar como um espaço de significados ou como um campo discursivo de embates de significação, ao investigar as representações que os educandos constituíram, nas suas trajetórias de vida, sobre o processo de alfabetização. Ao descentralizar os textos como objeto de estudo para investigar as formas subjetivas e culturais que eles efetivam no processo de alfabetização, as histórias escritas são examinadas quanto aos sentidos que apresentam enquanto recortes de autonarrativa, de identidade, de autointerpretação, de intertextualidade, de polifonia e de políticas do discurso, procurando as formas linguísticas com as quais tais sujeitos instituem suas subjetividades.

A invenção de uma nova ordem para as cartilhas: ser maternal, nacional e mestra: queres ler?, primeira pesquisa de doutorado na área da alfabetização realizada nessa linha e núcleo de pesquisa, é de minha autoria (TRINDADE, 2001⁵) e examinou cartilhas de alfabetização utilizadas na instrução pública do Rio Grande do Sul, entre 1890 e 1930, ilustrando como, nesse período e contexto político, a escolarização da alfabetização e da educação serviu de instrumento para a implantação e consolidação da Primeira República no nosso Estado, por meio da busca de unidade de métodos e modos de ensino, do controle do processo de produção e circulação de livros didáticos, incluindo as cartilhas de alfabetização, por meio do uso do Português como língua nacional e pela defesa de seu uso como garantia de uma unidade nacional, assim como de símbolos, vultos históricos e outros apetrechos escolares “nacionalizadores”.

⁵ A esse respeito, ver, também: Trindade (2004a).

Entre os diversos conceitos caros a essa tese, fazendo uso dos Estudos Culturais em suas vertentes pós-modernas e pós-estruturalistas, destaco o de representação. Hall (1997, p. 25) considera que “[...] nem as coisas por si próprias nem os usuários da linguagem podem fixar sentido na linguagem. Coisas não significam: nós construímos sentido usando sistemas de representação — conceitos e signos”. Para o autor, essa é a chamada “abordagem construtivista” ou “construcionista” da linguagem. De acordo com tal abordagem, não devemos confundir o mundo material, onde pessoas e coisas existem, e as práticas simbólicas e os processos através dos quais a representação, o sentido e a linguagem operam. Assumi-la não implica negar a existência do mundo material, mas entender que não é o mundo material que confere significado a tudo e sim o sistema de linguagem ou qualquer sistema que estamos usando para representá-la. Assim, a representação é produção de sentido através da linguagem e, nessa produção, usamos signos “[...] para simbolizar, referir objetos, pessoas e eventos no chamado mundo ‘real’. Mas [eles] também podem referir coisas imaginárias e mundos fantásticos ou idéias abstratas que não são, no sentido mais óbvio, parte do nosso mundo material” (HALL, 1997, p. 28).

Ao discutir os discursos e as representações presentes nas cartilhas, busquei, portanto, visibilizar como a leitura e a escrita, o livro didático, a infância, a escola e a docência estão sendo nomeadas/os, posicionadas/os, desejadas/os, descritas/os, enquanto representações dos discursos nas áreas da educação, da escolarização e da alfabetização, no Estado do Rio Grande do Sul, entre 1890 e 1930.

Desde 2000, com o desenvolvimento dessa pesquisa, tem havido a organização de um acervo de cartilhas, intitulado *Memória da cartilha*, sediado na Biblioteca Setorial de Educação da UFRGS. Tal acervo tem sido disponibilizado, preferencialmente, de forma virtual, através de imagens e referências das obras. Cabe observar que fazemos uso da apresentação virtual do acervo como forma de preservá-lo — daí, sua publicização na *Internet* — sem jamais imaginar substituir o documento original pelo digitalizado ⁶.

Além dos seminários voltados para o campo dos Estudos Culturais em uma abordagem pós-moderna e pós-estruturalista, outros seminários desenvolvidos no período de 1996 a 2001, nas áreas da alfabetização, da língua materna e da história da educação, possibilitaram, sobremaneira, a construção de novos olhares de estranhamento em relação à produção institucional e acadêmica que fazíamos então. O acesso aos estudos de Ong (1993), Olson (1997), aos quais Street (1995) fez menção em seus estudos, ao criticar a “grande divisão” ou o “*continuum*” entre oralidade e escrita, propondo, então, um “modelo alternativo”, no qual a escrita e a oralidade passassem a ser interpretadas como parte de um contexto cultural mais amplo, em que uma multiplicidade de práticas e eventos requeria uma compreensão híbrida, não simples, complementar e superposta,

⁶ O acervo do projeto *Memória da cartilha* está disponível na sua *Home Page*: <<http://www.ufrgs.br/faced/extensao/memoria>>. A esse respeito, ver, também: Trindade (2008c).

variando conforme o tempo e o espaço, mas também contestadas nas relações de poder, foi um dos movimentos de suspeição teórica realizados (TRINDADE, 2004b).

Os estudos de pesquisadoras que participaram de obra organizada por Kleiman (1995), em *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*, foram, então, ilustrativos de pesquisas realizadas no Brasil envolvendo a análise de práticas e eventos de leitura, escrita e oralidade vivenciados por crianças, jovens e adultos em atividades escolares, cotidianas, de trabalho, atuação sindical, política..., examinando-as a partir da análise do discurso e dos estudos sobre *literacy* de Street, Heat, Tannen, entre outros, ao mesmo tempo que faziam uma revisão crítica dos estudos de Luria, Scribner e Cole, Goody, Ong, Olson, dentre outros.

A TRAJETÓRIA DAS TEMÁTICAS DAS PESQUISAS INSTITUCIONAIS E ACADÊMICAS DO NECCSO NA ÁREA DA ALFABETIZAÇÃO DURANTE A CONSTITUIÇÃO DO ALFA NECCSO: DE 2002 A 2008

Contemplando um novo período, agora de mais seis anos, de 2002 a 2008, apresento duas pesquisas institucionais, através de publicações relacionadas direta ou indiretamente com tais pesquisas, e sete pesquisas acadêmicas, todas elas de mestrado, concluídas nesse período e focadas na área da alfabetização, além de duas atividades de extensão do núcleo voltadas para a alfabetização.

A pesquisa institucional “Identidades alfabetizandas” objetivou narrar uma história não tão pessoal de alfabetização, contando com a colaboração de depoentes professoras, especialmente aquelas que atuaram como alfabetizadoras até a década de 1960, no Estado do Rio Grande do Sul. Tais narrativas são também de alunos a respeito de suas alfabetizadoras, cartilhas e métodos usados para o processo de alfabetização. Objetivou, ainda, contextualizar essas histórias, colocando em cena outras tantas histórias, contemporâneas a essas, ou mais antigas, que foram capturadas na literatura da alfabetização, como reminiscências daqueles que se dedicaram a escrevê-las. Assim como essas histórias, apresentadas através das vozes de pessoas procuradas por essa pesquisa, temos outras histórias, que nos apresentam versões mais ou menos próximas daquelas reconhecidas em um espectro mais amplo. São histórias de alfabetização de escritores, compositores, pedagogos, que se entrelaçam com as de ex-alfabetizandos e ex-alfabetizadoras de forma fragmentada, dispersa, parcial, para contar uma história da alfabetização (TRINDADE, 2010a). Seguindo Hall (1997) e Woodward (2000), essa pesquisa institucional examinou um outro momento do “circuito da cultura”: aquele em que o foco se desloca dos sistemas de representação para as identidades produzidas por aqueles sistemas.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos, por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência é àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos

nos tornar. [...] Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem falar. (WOODWARD, 2000, p. 17).

Dessa forma, cartilhas e métodos de alfabetização fizeram e fazem parte de uma cadeia de produção cultural para escolarizar a alfabetização e a infância. Sua intertextualidade foi/é marcada pelo discurso da modernidade, bem como pelas revisões da pós-modernidade em contextos diversos, marcadas por continuidades, descontinuidades, rupturas e deslocamentos de vários discursos. Muitas professoras que alfabetizam hoje, utilizando propostas reconhecidas como inovadoras, foram alfabetizadas por cartilhas de alfabetização e, ainda que não tenham a lembrança de tê-las usado para aprender a ler e a escrever, seu processo de alfabetização foi pautado por um determinado método de ensino da leitura e da escrita, que era utilizado pela primeira professora ou mestre-escola. Podemos dizer, ainda, que, entre o final do século XIX e os anos 60 do século XX, métodos e cartilhas eram bem vistos e desejados para resolver o problema do analfabetismo no nosso país.

Entre os artigos publicados entre 2002 e 2008, em coletâneas ou periódicos, destaco o artigo “A invenção de múltiplas alfabetizações e (an)alfabetismos” (TRINDADE, 2004b), considerando a abordagem que nele faço dos estudos sobre alfabetização e alfabetismo/letramento, a partir do exame de um recorte da trajetória das produções nacional e estrangeira, colocando-as em suspeição. Utilizo o termo “invenção”, para mostrar que toda produção teórica se constitui como discurso, ocupando posição diferenciada de poder/saber em relação a outros discursos. Da mesma forma, utilizei o termo no texto da tese, apresentada anteriormente, para mostrar como a produção mais ampla também é parte de um circuito cultural. Questiono se “[...] o que reconhecemos hoje como letramentos e alfabetismos não constituíram novas tentativas de controlar práticas sociais da oralidade, leitura e escrita, escolarizando-as, pedagogizando-as [...]” (TRINDADE, 2004b, p. 136),

[...] como as múltiplas alfabetizações do século XVI ao XIX foram transformadas em uma alfabetização única, escolarizada. Ao que parece, estamos conformando o letramento social, ao final do século XX e início do século XXI, renomeando alfabetizações em alfabetismos e/ou letramentos, ao criarmos situações que levem os/as alunos/as a fazerem uso de diferentes gêneros textuais e práticas discursivas na escola e fora dela. (TRINDADE, 2004b, p. 137).

Pontuo, ainda, que

[...] a invenção dessas definições todas surge contextualmente, ganhando visibilidade através, por exemplo, dos discursos e representações que recebem na produção acadêmica, passando a distinguir o que não era distinguível, classificando pessoas e grupos, por meio de favorecimentos e preconceitos. (TRINDADE, 2004b, p. 137).

Duas dissertações se voltam para práticas escolares de um município gaúcho da região metropolitana de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, com vistas a examinar práticas escolares como as de elaboração de planos de estudo e de pareceres descritivos. Nesse período, as mestrandas atuavam como assessoras da Secretaria Municipal de Educação nas escolas municipais de ensino fundamental. Tendo como foco os pareceres descritivos de quatro turmas de alfabetização de uma escola da rede municipal de educação da cidade de Canoas/RS, a dissertação de mestrado *Pareceres descritivos: narrativas que a escola nos conta* (PINHEIRO, 2005) problematiza como esses pareceres se constituem em textos em que alunos/as são narrados/as, suas histórias escolares são contadas, e, ainda, busca examinar como a subjetividade se dá na narrativa e produz identidades. Os pareceres descritivos examinados, tendo por base o referencial construtivista formulado por Emilia Ferreiro, encaixam os alunos nos “níveis psicogenéticos”, posicionando-os quanto a aprendizagens e comportamentos, e prescrevem atitudes endereçadas à família e ao próprio aluno.

Uma vez que os parâmetros da pedagogia também limitam aquilo que é permitido, o que conta e o que não conta como desempenho de um tipo particular e a classificação daquele desempenho, os dispositivos regulativos e as posições normativas são, pois, produzidas para as crianças enquanto alunos/as. (WALKERDINE, 1998, p. 197).

Resumindo: a avaliação, ao ser constituída linguisticamente, através de suas abordagens teóricas, subjetiva as professoras e lhes atribui identidades docentes, que, por sua vez, produzem narrativas escolares, atribuindo identidades aos alunos.

Tendo como problema de pesquisa analisar os discursos sobre currículo e alfabetização que se mostram presentes nos planos de estudo das escolas da rede municipal de Canoas, a dissertação de mestrado *Currículo e alfabetização nos planos de estudos: construções interdiscursivas* (PINHO, 2005) visa a mostrar as marcas dos discursos construtivistas e sociointeracionistas sobre a linguagem, assim como os efeitos, ainda que frouxos, dos estudos sobre letramento. A ordem “comeniana” é visibilizada nos planos de estudos, ao mesmo tempo em que a autora examina os efeitos não lineares das mudanças que atravessam a cultura no mundo contemporâneo, incluindo, aí, os efeitos dos discursos sobre a linguagem e a alfabetização, uma vez que “[...] o que importara não é saber se existe ou não uma ‘realidade real’, mas, sim, saber como se pensa essa realidade [...]” (VEIGA-NETO, 1996, p. 28), se “[...] tudo aquilo que pensamos sobre nossas ações e tudo aquilo que fazemos tem de ser contínua e permanentemente questionado, revisitado e criticado.” (VEIGA-NETO, 1996, p. 30-31).

O artigo “Um olhar dos Estudos Culturais sobre artefatos e práticas sociais e escolares de alfabetização e alfabetismo” (TRINDADE, 2005) — resultado do curso de extensão “Múltiplas Alfabetizações e Alfabetismos”, do Programa de Formação

Continuada de Professores de Educação Básica, acompanhado de outros quatro artigos, que compõem a parte do livro referente às ações desenvolvidas no referido curso — discute práticas escolares de alfabetização e alfabetismo, por meio da análise do impacto de determinados artefatos — cartilhas, livros de literatura infantil e portadores de gêneros textuais diversos — e práticas — alfabetizar por meio de métodos “tradicionais” de alfabetização, de “propostas construtivistas” de alfabetização, ou de propostas amparadas nos estudos sobre letramento.

Os demais artigos, produzidos por professora pesquisadora e mestrando/as da nossa linha e núcleo de pesquisa e de linha próxima à nossa, discutem a coesão e a coerência em textos iniciais, os múltiplos alfabetismos teatrais e virtuais, que constituem as crianças na contemporaneidade, através de produtos culturais, como espetáculos, faz-de-conta, *blogs* e *sites*, os modos de ser menina e de ser menino em artefatos da mídia, como propagandas e revistas, interrogando seus efeitos na/para a educação, além de trabalho de campo e prática didático-pedagógica desenvolvida em turma de alfabetização, com base em práticas de leitura e escrita realizadas pelos alunos e seus familiares em contextos sociais diversos. Assim, esse conjunto de cinco artigos procurou registrar as discussões realizadas no curso em torno das múltiplas alfabetizações e alfabetismos — alfabético, literário, midiático, teatral, matemático, internáutico, musical, disciplinar, dentre outros —, associados às discussões sobre infâncias e pedagogias culturais diversas, mostrando a diversidade de leitura, escrita e oralidade às quais as crianças e as infâncias estão expostas.

Duas dissertações de mestrado se voltam novamente para a escola, mas buscam, agora, examinar como práticas domésticas de exploração de determinados veículos ou suportes e gêneros textuais se interseccionam com as escolares, diferenciando-se ao focar turma de crianças já alfabetizadas e, prioritariamente, suportes e gêneros impressos, uma delas, ou crianças em fase de alfabetização e veículos e gêneros impressos e, especialmente, eletrônicos, a outra.

A dissertação “*O discurso renovador da leitura*” e a produção de práticas domésticas de leitura na interação com práticas escolares (SILVA, 2007), por exemplo, examina os efeitos do “discurso renovador da leitura”, tendo por referência os estudos de Silveira (1998) e Street (1995), mostrando como a família acaba por funcionar como guardião de uma das práticas sociais, especialmente a da leitura, embora a autora utilize também outros instrumentos para dar visibilidade às de escrita e de oralidade. Para tanto, ela faz uso de ferramentas metodológicas de inspiração etnográfica, como também de análise textual e do discurso. Os materiais coletados têm origens variadas: gravações em fitas cassete, conversas com/entre as crianças, questionários respondidos por alunos e familiares destes, análise do desenho da planta baixa das residências produzidos pelos alunos (onde localizam e descrevem o que têm para ler e o que leem em casa), linha do tempo e rotina semanal da leitura e da escrita de cada aluno, além de visita à residência de um deles.

Em *A construção da leitura e da escrita e a recepção de textos televisivos*: um diálogo entre práticas culturais (BITTENCOURT, 2007), a autora, por sua vez, examina a interação entre o alfabetismo midiático e o alfabético, reconhecendo na televisão uma pedagogia cultural que também alfabetiza, que também educa. A partir de oito meses de contatos semanais com uma turma de alunos de uma classe de alfabetização de uma escola pública da cidade de Porto Alegre, foi utilizado um conjunto de instrumentos, como: a proposta de desenho de programas e personagens, identificando-os por escrito; a identificação de logotipos comerciais e de programas televisivos, bem como cenas de programas, a partir dos mais citados, por meio de leitura e produção escrita, além de autoditados de palavras que lembrassem de produtos televisivos e de entrevistas com os pais. A autora reconhece que as imagens veiculadas pela televisão possuem uma forma de leitura e uma forma de memória a partir do peso do icônico, ao mesmo tempo em que reconhece o quanto as crianças são espectadoras ativas, analíticas, produzindo seus próprios sentidos. Constata, ainda, que:

[...] focalizar apenas textos e públicos, excluindo a análise das relações e instituições sociais nas quais os textos são produzidos e consumidos, trunca os estudos culturais tanto quanto a análise da recepção que deixe de indicar o modo como o público é produzido por meio de suas relações sociais e como, até certo grau, a própria cultura ajuda a produzir os públicos e a recepção destes aos textos. (KELLNER, 2001, p. 56).

Outra dissertação se distingue ao examinar práticas de leitura em uma esfera religiosa, embora a sua relação com práticas escolares possa ser percebida pelo uso de determinadas estratégias reconhecidamente didáticas. Em *Práticas de leitura em religião*: a articulação entre o consumo da “palavra” e a produção de sujeitos leitores assembleianos (AZEVEDO, 2008), a autora problematiza a produção de sujeitos leitores assembleianos, entendendo que a inserção numa cultura enfaticamente bíblica acaba por criar espaços de alfabetismos. Examina as práticas de leitura inscritas no diário de campo, nas 18 entrevistas, nas fotografias, nos diversos artefatos culturais circulantes, como cartazes, panfletos, livros, hinários e revistas, investigando as formas como os enunciados são produzidos, controlados, organizados e subordinados a uma ordem discursiva. Assim,

O governo da alma depende de nos reconhecermos, ideal e potencialmente, certo tipo de pessoa, do conforto gerado por um julgamento normativo sobre a distância entre aquilo que somos e aquilo que podemos nos tornar e do incitamento oferecido para superar essa discrepância, desde que sigamos o conselho dos *expert* da administração do eu. A ironia é que nós acreditamos, ao transformar nossa subjetividade no princípio de nossas vidas pessoais, de nossos sistemas éticos e de nossas avaliações políticas, que estamos, livremente, escolhendo nossa liberdade. (ROSE, 1998, p. 44).

Quatro dissertações de mestrado examinam políticas públicas na área da alfabetização, envolvendo administrações em níveis diversos: no nível municipal, uma delas; no estadual, uma outra; no federal, duas outras; sendo que, entre elas todas, três delas se voltam para a escolarização de crianças, e, uma delas, para a escolarização de jovens e adultos.

A dissertação intitulada *A proposta de alfabetização da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre no período 1989/1992*; narrativas sobre sua implantação e desdobramentos nas gestões posteriores (TRAMAGLINO, 2007) teve como objetivo analisar as representações de professoras da rede municipal sobre a forma como o projeto pedagógico da primeira gestão da “Administração Popular” foi implantado e recebido pelas professoras alfabetizadoras e pelas assessoras da Secretaria Municipal de Educação no período de 1989 a 1992; como as professoras alfabetizadoras da rede municipal, hoje, percebem aquele período e as implicações daquela proposta no seu trabalho diário; e, ainda, como o tema da alfabetização foi sendo tratado nas demais gestões da referida administração.

Também no campo das políticas públicas, a dissertação *+ 1 ano é fundamental*: práticas de governo dos sujeitos infantis nos discursos do ensino fundamental (SANTAIANA, 2008) olha para a escolarização obrigatória da criança de seis anos no ensino fundamental de nove anos como uma forma de governo. Foram analisadas as publicações do Ministério da Educação do Brasil sobre o Ensino Fundamental de Nove Anos, bem como atos legais e informações pertinentes à temática, com vistas a examinar como os saberes visibilizados pelos documentos legitimam propostas e práticas educacionais que objetivam o sucesso da alfabetização e da escolarização. Dessa forma, “[...] a questão do como implementar essa ação, ou seja, como ensinar a ler e escrever se transformou numa questão fundamental para o governo das populações” (MARZOLA, 2003, p. 210).

Já a dissertação de mestrado *Programa “Alfabetiza Rio Grande”*: a “importância de voltar a estudar” na produção textual de alfabetizando adultos (LE MOS, 2008), no campo das políticas públicas, apresenta como foco de investigação a produção textual de jovens e adultos que integraram turmas de alfabetização no programa governamental “Alfabetiza Rio Grande”, desenvolvido entre os anos de 2003 e 2006, no Estado do Rio Grande do Sul. De um conjunto de 124 produções textuais de alunos que frequentaram o Programa durante os anos de 2005/2006, a autora examinou 47, a partir do eixo temático “importância de voltar a estudar”, produzindo três unidades de análise: “a presença dos mitos constituindo verdades”, “referências aos usos sociais da escrita e da leitura” e “a ‘escrita de si’”.

Por fim, continuando ainda no campo das políticas públicas, a dissertação de mestrado *O projeto-piloto de alfabetização do Rio Grande do Sul*: um olhar de estranhamento

sobre seus materiais didáticos (SCHNEIDER, 2009) examina três programas desse projeto a partir dos materiais didáticos utilizados. São eles: *Circuito Campeão*, do Instituto Ayrton Senna; *Alfa e Beto*, do Instituto Alfa e Beto; e *Alfabetização Pós-Construtivista*, do Grupo de Estudos sobre Educação, Metodologia de Ensino e Ação (GEEMPA). Esse estudo deteve-se na análise de materiais didáticos usados nesse Projeto Piloto como produtores de “novas culturas de alfabetização”, dando ênfase à análise do material do Programa “Alfabetização Pós-Construtivista” do GEEMPA. Foucault (1979) possibilita entender a produtividade do poder, nessa e nas demais pesquisas realizadas no NECCSO e que examinam políticas públicas. Reflete o autor:

Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não, vocês acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (FOUCAULT, 1979, p. 8).

A pesquisa institucional *O estado do conhecimento dos estudos sobre alfabetização e alfabetismo – RS: 1961-2006* (TRINDADE, 2008a), vinculada ao projeto integrado “ABEC 1961-2006”⁷, examina resumos de teses e dissertações produzidas nos programas de pós-graduação de universidades do estado do rio grande do sul, tendo por referência os discursos sobre métodos de alfabetização, psicogênese da língua escrita, letramento/alfabetismo e consciência fonológica, que orientam a produção acadêmica e institucional na área da alfabetização no Brasil. Uma análise dos temas e do referencial teórico dos resumos pretendeu dar conta dessa discussão, amparada em orientações, próprias da ordem do texto, e de outras, próprias da ordem do discurso.

Ao analisar, entretanto, a microestrutura de resumos de teses e dissertações, a partir do percurso de criação de um banco de teses gaúcho quanto a objetivos, métodos, resultados e as considerações finais, constatamos⁸ a falta de alguns dessas partes, cabendo perguntar, então: estariam os resumos que acompanham dissertações e teses gaúchas atendendo a tais orientações? Se, inicialmente, tais olhares se voltaram para a macro e a microestrutura dos resumos, a fim de mapear uma trajetória da produção acadêmica gaúcha, os mesmos propiciaram que outros caminhos investigativos fossem construídos, como o de buscar entender a estrutura desses textos acadêmicos. A análise dos resumos enquanto gênero textual e discursivo possibilitou a discussão das partes que compõem esse tipo de texto e da visibilidade de determinados discursos, que ganharam hegemonia

⁷ A esse respeito, consultar o Diretório dos Grupos de Pesquisa – CNPq, disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/>>.

⁸ Participaram de tal pesquisa como bolsistas de iniciação científica, as acadêmicas: Evelyse Ramos Itaquí, Luiza Costa, Marília Felipe, Michele Cemin e Renata Sperrhake.

nas pesquisas por um determinado tempo, passando a competir com outros, que se tornaram tão ou mais hegemônicos ou, mesmo, permaneceram como raridades.

Entre 2002 e 2008, houve a oferta de seminários e leituras dirigidas, a realização de pesquisas institucionais na abordagem da nossa linha de pesquisa, assim como a orientação de pesquisas de mestrado, com um investimento, além dos autores mencionados antes, especialmente na discussão da produção nacional. Com vistas a socializar a produção do NECCSO, uma nova edição do curso realizado em 2004 foi feita entre os anos de 2004 e 2005, assim como a organização de um livro (TRINDADE, 2008b) com dez artigos, na sua primeira parte, referentes a temas trabalhados nessa formação continuada, como “inclusão”, “mídia”, “discursos”, “gêneros textuais”, “avaliação”, “planos de estudos”, “literatura infantil”, “infância”, “escolarização” e associados às discussões sobre múltiplas alfabetizações e alfabetismos/ letramentos a que estamos expostos em idades e contextos diversos.

A TRAJETÓRIA DAS TEMÁTICAS DAS PESQUISAS INSTITUCIONAIS E ACADÊMICAS DO NECCSO NA ÁREA DA ALFABETIZAÇÃO, EM ANDAMENTO COM A CONSTITUIÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA ALFA NECCSO: DE 2009 A 2010

Este último recorte é marcado por pesquisas em andamento, especialmente o projeto integrado iniciado no ano de 2009, sob o registro do grupo de pesquisa Alfa NECCSO no Sistema de Pesquisa da UFRGS, incluindo produção mais recente, grande parte no prelo ou em fase de qualificação de projetos, no caso de teses e dissertações. Tal projeto, intitulado “Alfabetizações e alfabetismos”, é formado por dois projetos institucionais, outros quatro projetos acadêmicos, dois deles de doutorado e outros dois de mestrado, além de dois projetos de iniciação científica. Duas pesquisas de mestrado, concluídas recentemente na área de alfabetização na nossa linha e núcleo de pesquisa, são apresentadas também, sendo uma parte do projeto integrado mencionado neste tópico. Vejamos.

O projeto institucional “O estado do conhecimento dos estudos sobre alfabetização e alfabetismo – RS: 1975-2009”, sob minha responsabilidade, dá continuidade ao projeto institucional anterior, delimitando período de início de forma mais adequada, ao tomar como data inicial a da primeira tese gaúcha — 1975 —, ficando, agora, como a final —2009 —, a de início do projeto integrado de pesquisa ao qual se vincula esse projeto temático de pesquisa. A partir da participação nessa pesquisa e na anterior, por meio da atividade de iniciação científica, Renata Sperrhake⁹ examinou o texto dos resumos de dissertações e teses gaúchas, construindo, então, algumas unidades de análise, quais sejam: a presença dos problemas/questões de pesquisa; o uso da pessoalidade no texto resumitivo, marcado pela opção da 1ª pessoa no lugar da impessoalidade da 3ª pessoa;

⁹ A esse respeito, ver: Sperrhake (2010).

a menção ao referencial teórico ou às alquimias teórico-metodológicas; bem como a substituição das prescrições ordenadoras pela sua problematização e pelo relativismo das verdades. Constatou que o uso dessas marcas textuais têm maior recorrência em resumos que seguem abordagens reconhecidas como pós-modernas do que naqueles que seguem um “modelo” moderno de ciência, uma vez que consideramos que: “[...] não importa o método que utilizamos para chegar ao conhecimento; o que de fato faz diferença são as interrogações que podem ser formuladas dentro de uma ou outra maneira de conceber as relações entre saber e poder” (COSTA, 1996, p. 10).

Dando continuidade a essa pesquisa, incluindo um outro caminho metodológico, o de encaminhamento de questionários, envolvendo os orientadores e os autores dos resumos das teses e das dissertações gaúchas selecionados, o projeto de iniciação científica “Mapeamento e análise da produção acadêmica gaúcha”, de Maíra Abrunhoza De Martini Duarte,¹⁰ vem utilizando tais unidades de análise, para revisitar o texto dos resumos e o próprio texto completo de tais produções, com vistas a aprofundar as análises iniciadas a partir do exame da micro e da macroestrutura dos textos dos resumos da produção acadêmica gaúcha.

O projeto institucional “Letramentos Múltiplos: entre a escola e a rua”, sob responsabilidade da pesquisadora Luciana Piccoli, foca as práticas de letramento de comunidades localizadas em periferias urbanas. Para tanto, realiza uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico em comunidades atendidas pelo ensino público, preferencialmente ofertado pela Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre/RS. A observação de eventos de letramento, cultural e discursivamente analisados, configura-se como estratégia metodológica associada a outros procedimentos, tais como a realização de entrevistas com crianças e adultos e a análise textual de materiais de leitura e de escrita citados pelos entrevistados, com vistas a conhecer os usos e os significados atribuídos às atividades de linguagem. A trajetória das pesquisas nacionais e estrangeiras na área da alfabetização têm sido examinadas pela autora para subsidiar os seus próprios estudos (PICCOLI, 2010a; 2010b).

Representado por um projeto de doutorado, desenvolvido desde 2007, o projeto “Testes e exames de avaliação destinados aos primeiros anos do ensino fundamental: dispositivos discursivos em questão”, de Darlize Teixeira de Mello, tem por objetivo analisar quais dispositivos discursivos estão presentes na implementação de programas públicos de avaliação, destinados aos primeiros anos do ensino fundamental, discutindo a produção do sujeito alfabetizando na modernidade ocidental e na contemporaneidade, através do exame das posições como as de ser alfabetizado, letrado e não-alfabetizado, tendo como contexto a realidade brasileira. Analisa os testes e exames, da década de 1950 até os dias atuais, incluindo a “Provinha Brasil”, tratando-os como produtos de

¹⁰ Acadêmica vinculada ao projeto integrado “Alfabetizações e Alfabetismos” e ao projeto institucional “O estado do conhecimento dos estudos sobre alfabetização e alfabetismo – RS: 1975-2009” como bolsista de iniciação científica, sob minha orientação.

uma trama histórica e social na qual as políticas públicas que os produzem descrevem, classificam, hierarquizam e diferenciam os sujeitos alfabetizando (MELLO, 2009).

Tendo seu começo em 2008, o projeto de doutorado “Livros didáticos de alfabetização do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para o Ensino Fundamental de Nove Anos (EFNA) no Rio Grande do Sul em análise: discursos e representações sobre métodos de alfabetização em suspeição”, de Thaise da Silva, busca entender como os discursos e representações sobre métodos de alfabetização foram/são constituídos culturalmente como parte da invenção de uma história de alfabetização, a partir da análise das representações que ganham nas coleções de alfabetização aprovadas pelo PNLD (SILVA, 2010).

Desenvolvido a partir de 2008, o projeto de mestrado “Terapia das linhas: um estudo sobre modos de disciplinamento da escrita”, sob responsabilidade de Patrícia Camini, foi concluído recentemente, e a dissertação de mestrado *Das ortopedias (cali) gráficas: um estudo sobre modos de disciplinamento e normalização da escrita* (CAMINI, 2010) mapeou e discutiu os saberes que operam um conjunto de técnicas que tem por alvo disciplinar para normalizar as escritas infantis por meio dos livros de caligrafia. Para tanto, analisou coleções de livros de caligrafia, de grande vendagem no Brasil para uso no Ensino Fundamental, buscando suas regularidades e raridades enunciativas.

O projeto de mestrado de “A pedagogização do letramento na literatura infantil contemporânea”, iniciado em 2009, de Letícia Germano, pretende analisar alguns dos livros de literatura infantil endereçados aos anos iniciais do Ensino Fundamental, do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), destacando, principalmente, os seguintes questionamentos: como os discursos sobre o letramento — ou seja, sobre as práticas sociais de leitura, escrita e oralidade — estão presentes em tais artefatos, em especial nas narrativas textuais e visuais dos livros a serem analisados; e de que forma alguns gêneros e suportes textuais são representados e priorizados em detrimento de outros no acervo do PNBE (GERMANO, 2010).

Como os projetos institucionais e acadêmicos em andamento exploram suportes e gêneros textuais usados na escola e fora dela, temos priorizado, nas leituras dirigidas e nos seminários, a escolha de bibliografia que dê ferramentas para a discussão desses artefatos, assim como das representações que os discursos sobre a alfabetização e sobre o letramento ganham nos programas e nas políticas públicas que orientam a produção, circulação e consumo desses materiais.

A retomada do circuito da cultura a partir das leituras de Hall (1997), Johnson (1999) e Woodward (2000), assim como dos sentidos atribuídos a análise do discurso em uma abordagem *foucaultiana* (LUKE, 1996; GILL, 2002), tem estendido a discussão dos estudos realizados pelo grupo de pesquisa Alfa NECCSO a domínios discursivos, gêneros do discurso, gêneros textuais, sequências tipológicas, suportes, esferas..., a

partir de discussões que, contemporaneamente, as pesquisas acadêmicas brasileiras têm realizado e as políticas públicas implementado. O registro de discussões realizadas na aula que ministro em um seminário desenvolvido coletivamente pelos professores da nossa linha de pesquisa anualmente pode ser localizado em artigo que mostra um conjunto de artefatos que foram examinados em outros textos e cursos.

No estudo dos diferentes artefatos culturais e escolares¹¹ que compõem cada projeto de pesquisa do projeto integrado em desenvolvimento no grupo Alfa NECCSO, como os resumos de teses e dissertações gaúchas, os livros didáticos, os livros de literatura infantil e os livros de caligrafia, bem como a “Provinha Brasil”, e as práticas e eventos de leitura, escrita e oralidade se faz necessário: analisar os processos de representação, identidade, produção, consumo e regulação. Como se trata de um circuito cultural, é possível começar em qualquer ponto, uma vez que não se trata de um processo linear sequencial. Cada momento do circuito está também inextricavelmente ligado a cada um dos outros. No esquema criado por Du Gay, entre outros autores, como Hall, Janes, Mackay e Negus (1997 apud WOODWARD, 2000), eles aparecem como separados para que possamos concentrarmo-nos em momentos específicos. A representação refere-se a sistemas simbólicos (textos ou imagens visuais, por exemplo); esses sistemas produzem significados sobre o tipo de pessoa que utiliza tais artefatos, isto é, produzem identidades que lhes são associadas; essas identidades e os artefatos – com os quais elas são associadas – são produzidos, tanto técnica quanto culturalmente, para atingir os consumidores, tendo um efeito sobre a regulação da vida social, por meio das formas pelas quais eles são representados, sobre as identidades com eles associadas e sobre a articulação de sua produção e de seu consumo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma oportunidade como a que nos é dada nesta exposição, de socialização do que produzimos, nos permite mapear tal produção com maior precisão, em termos quantitativos, e com menor distanciamento, em termos qualitativos, embora esse seja o nosso maior objetivo na linha e núcleo de pesquisa, bem como colocar em suspeição não só a produção mais ampla na área da alfabetização, mas, especialmente, a da nossa linha, núcleo e grupo Alfa NECCSO, exercitando, assim, a crítica, como argumentei no início desta exposição.

Quantitativamente, realizamos entre os quinze anos, de 1996 e 2010, seis (06) pesquisas institucionais, treze (13) dissertações, uma (01) tese, estimando ainda a conclusão de mais duas teses e uma dissertação com previsão de defesa entre 2011 e 2013. Se olharmos para o número de teses e dissertações gaúchas produzidas, entre 1996 e 2010, pela nossa linha e núcleo de pesquisa, tal número parece insignificante, mas se

¹¹ A esse respeito, ver: Trindade (2010b).

comparamos com a produção do período de outras linhas do nosso programa de pós-graduação, ou com a do conjunto dos programas de pós-graduação gaúchos, tal número passa a ser extremamente significativo.

Qualitativamente, na medida em que nossas pesquisas não pretendem ser prescritivas, ao se debruçar sobre a produção da área para examinar artefatos, eventos e práticas culturais e sua intersecção com artefatos, eventos e práticas escolares, via programas de políticas públicas, essas pesquisas permitem a discussão de mudanças nas áreas da alfabetização e da educação que sejam marcadas como produções históricas, sem a pretensão de chegar à última verdade, ao método mais perfeito, à abordagem mais adequada, mas focadas somente na opção de chegar a verdades provisórias, métodos e abordagens úteis para uma determinada pesquisa ou para um determinado momento do seu desenvolvimento.

Resta observar ainda, neste momento de concluir esta exposição, que a trajetória da produção da nossa linha e núcleo de pesquisa na área da alfabetização, num período de 15 anos — de 1996, ano de sua formação, a 2010, conforme recorte estabelecido para análise nesta exposição —, que os esforços para a constituição de um grupo institucional e interinstitucional na área da alfabetização foram iniciados por participações em eventos, marcadas pela proximidade do objeto de pesquisa — a alfabetização — e por parcerias pontuais, mas importantes, como a deste evento. Que o olhar que lançamos hoje para os nossos grupos de pesquisa os fortaleça e possibilite a constituição do campo da história da alfabetização no Brasil, tão caro às pesquisas culturais que produzimos, seja por meio das pesquisas institucionais, seja por meio das pesquisas acadêmicas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: EDUSC, 2007.

AZEVEDO, Daniela Medeiros de. *Práticas de leitura em religião: a articulação entre o consumo da palavra e a produção de sujeitos leitores assembleianos*. 2008. 153 f. + Anexos Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BITTENCOURT, Zoraia Aguiar. *A aquisição da leitura e da escrita e a recepção de textos televisivos: um diálogo entre práticas culturais*. 2007. 136 f. + Anexos. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

CAMINI, Patricia. *Das ortopedias (cali)gráficas: um estudo sobre modos de disciplinamento e normalização da escrita*. 2010. 179 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

- COOK-GUMPERZ, Jenny. Alfabetização e escolarização: uma equação imutável. In: COOK-GUMPERZ, J. (Org.). *A construção social da alfabetização*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. p. 27-57.
- COSTA, Marisa Vorraber. Novos olhares na pesquisa em educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1996. p. 7-17.
- FOUCAULT, Michael. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GRAFF, Harvey. O mito do alfabetismo. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 2, p. 30-64, 1990.
- GERMANO, Letícia. *A pedagogização do letramento na literatura infantil contemporânea*. 2010. 61f. + Anexos. Proposta de dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- GILL, Rosalind. Análise do discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Gareschi. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 244-270.
- HALL, Stuart (Org.). *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: Sage Publications, 1997.
- JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O que é afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 7-131.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: EDUSC, 2001.
- KLEIMAN, Angela (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- LE MOS, Sandra Monteiro. *Programa Alfabetiza Rio Grande: a “importância de voltar a estudar” na produção textual de alfabetizando adultos*. 2008. 115 f.: il. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- LUKE, Allan. *Text and discourse in education: an introduction to critical discourse analysis*. *Review of Research in Education*, Filadélfia, v. 21, p.3-48, jan.1996.
- MARZOLA, Norma. Os sentidos da alfabetização na revista Nova Escola. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.). *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Ed. Universidade: UFRGS, 2000. p. 93-115.
- _____. O analfabetismo como metáfora. In: SCHMIDT, Sarai (Org.). *A educação em tempos de globalização*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 11-120.
- _____. Alfabetização: o discurso dos métodos. In: LAMPERT, Ernani (Org.). *O ensino sob o olhar dos educadores*. Pelotas: Seiva, 2003. p. 209-220.
- MELLO, Darlize Teixeira de. *A Província Brasil e a Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre: avaliações, alfabetizações e letramentos contestados*. 2009. 127f. Projeto de Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MEDEIROS, Lúcia Helena da Silva. *A identidade narrada do município mais alfabetizado do país*: um estudo sobre leitura e identidade cultural. 2000. 65 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

NOBLEGA, Jorge Gerardo. *Subjetividade e texto*: um estudo introdutório na educação de adultos/as. 2001. 89 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

OLSON, David. *O mundo do papel*. São Paulo: Ática, 1997.

ONG, Walter. *Oralidad y escritura*. Buenos Aires: Fondo de Cultura, 1993.

PICCOLI, Luciana. Alfabetizações, alfabetismos e letramentos: trajetórias e conceitualizações. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 257-275, set./dez. 2010a.

_____. Olhares sobre a trajetória dos discursos de alfabetização e de letramento na formação docente. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE HISTÓRIA DO ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA, 1., 2010b, Marília. *Anais...* Marília: Fundepe, 2010b. p. 1-7.

PINHEIRO, Claudia Gehwer. *Pareceres descritivos*: narrativas que a escola nos conta. 2005. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

PINHO, Patrícia Moura. *Currículo e alfabetização nos planos de estudos*: construções interdiscursivas. 2005. 173 f.: il. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ROSE, Nikolas. Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Liberdades reguladas*: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 30- 45.

SANTAIANA, Rochele da Silva. *+ 1 ano é fundamental*: práticas de governo dos sujeitos infantis nos discursos do ensino fundamental de nove anos. 2008. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SCHINEIDER, Suzana. *O projeto-piloto de alfabetização do Rio Grande do Sul*: um olhar de estranhamento sobre seus materiais didáticos. 2009. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SILVA, Thaise da. O “discurso renovador da leitura” e a produção de práticas domésticas de leitura na interação com práticas escolares. 2007. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

_____. *A alfabetização linguística e o letramento no Programa Nacional do Livro Didático 2010*: os livros do primeiro ano das coleções de alfabetização em análise. 114f. Projeto de Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Leitura, literatura e currículo. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *O currículo nos limiares do contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. p. 105-128.

SPERRHAKE, Renata. Alfabetizações e alfabetismos/letramentos: outros caminhos investigativos? In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE HISTÓRIA DO ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA, 1., 2010, Marília. *Anais...* Marília: Fundepe, 2010. p. 1-7.

STREET, Brian. *Social literacies: critical approaches to literacy in development, ethnography and education*. London: Longman, 1995.

TRAMAGLINO, Carmelina. *A proposta de alfabetização da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre no período de 1989/1992: narrativas sobre a implantação e desdobramentos nas gestões anteriores*. 101f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

TRAVERSINI, Clarice Salete. *Reflexões sobre o sucesso da alfabetização: a escola e o contexto cultural de Poços da Antas/RS*. 1998. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

TRINDADE, Iole Maria Faviero. Todos na escola: o discurso da modernidade. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 23/24, p. 27-55, 1998. [Edição Especial]

_____. *A invenção de uma nova ordem para as cartilhas: ser maternal, nacional e mestra: queres ler?* 2001. 490 f. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

_____. *A invenção de uma nova ordem para as cartilhas: ser maternal, nacional e mestra: queres ler?* Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004a.

_____. A invenção de múltiplas alfabetizações e (an)alfabetismos. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 29, n. 2, p. 125-142, jul./dez. 2004b.

_____. Um olhar dos estudos culturais sobre artefatos e práticas sociais e escolares de alfabetização e alfabetismo. In: MOLL, Jaqueline (Org.). *Múltiplos alfabetismos*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005. p. 123-133.

_____. (Org.). *Múltiplas alfabetizações e alfabetismos*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008a.

_____. A produtividade de teses e dissertações gaúchas: uma análise cultural. In: TRAVERSINI, Clarice et al. (Org.). *Trajetórias e processos de ensinar e aprender: práticas e didáticas: livro 2*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008b. p. 281-297.

_____. Memória da cartilha e a produção de identidades alfabetizandas. *Educação em Questão*, Natal, v. 31, n. 17, p. 161-185, jan./abr. 2008c.

_____. *Identidades alfabetizandas: histórias não tão pessoais assim*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2010a.

_____. z Infância, educação e alfabetização como invenções pedagógicas: trajetórias escolares e culturais. In: BUJES, Maria Isabel Edelweiss; BONIN, Iara Tatiana (Org.). *Pedagogias sem fronteira*. Canoas: Ed. ULBRA, 2010b. p. 45-64.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares... In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Porto Alegre: Mediação, 1996. p. 19-35.

MARIA DO ROSÁRIO LONGO MORTATTI (ORG.)

WALKERDINE, Valerie. Uma análise foucaultiana da pedagogia construtivista. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 143-216.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.